

José Capela, “MV” (prefácio), em António MV, *MV*, Lisboa: edição de autor (financiamento do Ministério da Cultura / Direção Geral das Artes) (2022), pp. 7-10 [ISBN 978-989-33-2585-8]

MV

ego

O António é uma das pessoas com quem, desde há vários anos, mais partilho o meu quotidiano; as fotografias que podem ser vistas neste livro confundem-se com o seu quotidiano, que em parte se confunde com o meu. Isso poderia levar-me a dizer que não tenho distanciamento em relação a estas fotografias, mas não é verdade. Vejo-as sucederem-se aqui, página após página, quase sempre astuciosamente combinadas em duetos, e elas demonstram, página a página, a grande distância a que elas se encontram até mesmo de alguém próximo do António.

Para o António, estas fotografias fazem parte de um diário, dentro do qual ocupam lugares precisos. Registam viagens, cidades por onde passou, quartos de hotel, ou outros, onde dormiu, sítios onde se divertiu ou foi feliz, ou onde não foi, trabalhos que fez (faz muitas coisas diferentes), colegas de trabalho, amigos, mas também coisas com as quais se cruzou por acaso – desconhecidos absorvidos nas suas vidas, coisas que encontrou abandonadas no chão ou em cima de mesas, penduradas ou escritas em paredes, despojos, objetos à espera de recuperarem a sua utilidade – e o António sabe localizá-las e datá-las com precisão. Julgo que guarda consigo notas que lhe permitem fazê-lo. À exceção das pessoas fotografadas, é improvável que mais alguém saiba associar as fotografias à sua circunstância. Cada uma tem um nexos secreto.

Apesar da vocação diarística destas fotografias, a ideia de “verdade”, no sentido documental do termo, não as circunscreve. Muitas são encenadas. O António, não só compõe autorretratos em que teatraliza a sua própria *persona* (com figurinos, poses, cenários, etc.), como monta outros retratos ou situações que são ficcionais. Apesar de constituírem um diário, as suas fotografias não se confundem com a exposição do quotidiano que se banalizou com a disseminação das redes sociais, nem mesmo com o trabalho de múltiplos fotógrafos cujas imagens são uma poetização da banalidade do quotidiano, ou uma afirmação pública da sua intimidade, designadamente *queer*. No trabalho do António, não se distingue o diário do artifício.

vanitas

Em algumas das imagens que encena, o António usa frutos ou outros elementos orgânicos que guarda para os deixar secarem (ele diz “mumificar”). Tal como as naturezas mortas – designadas “still life” em língua inglesa – são imagens que implicam o tempo. Mas, diferentemente das naturezas mortas, os elementos orgânicos mumificados que o António produz, compõe e fotografa ultrapassaram o limiar da sua vida e tornaram-se já cadáveres (nas naturezas mortas, pode acontecer com caveiras e peças de caça, mas não com flores, frutos, borboletas ou outros insetos). E há também fotografias de restos de cabelo cortado, cascas de ovo e de banana,

beatas, lixo, uma chiclete mastigada, um pássaro morto, um bicho embalsamado, uma mulher que finge estar morta, deitada e com a cara coberta por um tecido, alguém vestido com um fato de esqueleto de loja de Carnaval, um manequim sem braços. São imagens que, incluídas num diário, intensificam a efemeridade daquilo que é representado. Tal como as *vanitas*, lembram-nos da efemeridade da vida e da ausência de sentido da vaidade. *Memento mori*: Lembra-te de que morrerás.

Tudo isto tem a ver com o António, ou com o seu fleuma: ver o ridículo daquilo que costuma considerar-se sério (como acontece com tudo o que é “institucional”) e apreciar aquilo que é ridículo, reconhecendo-o como afetivo e efetivamente insubmisso (a auto-ironia é a revolução de si mesmo). Muitas vezes, o António encara a vida como um devaneio do destino, como acaso risível.

Estas fotografias são, contudo, trágicas. Aquilo que nelas emerge é a possibilidade da memória, tornando evidente (e não apenas sugerido) que a memória faz parte do que é mortal. A beleza das imagens é um efémero contraponto da efemeridade.

milagre

O António é metucioso a editar as imagens. Corrige-as e compõe-nas minuciosamente. Elimina elementos, desloca outros, corrige superfícies, luz, enquadramentos. Não há nada de espontâneo nas suas imagens, mesmo quando elas retratam a desordem. Sabe fazer, no Photoshop, aquilo que ele próprio designa como “milagres da matéria”.

O que é um milagre? No dicionário *Priberam*, a palavra “milagre” está associada a duas variantes de significado: “Facto sobrenatural oposto às leis da Natureza” e “Portento, maravilha, prodígio”. A popular *Wikipedia* informa que, na sua aceção mais corrente, *milagre* ou *miraculo* vêm do latim – *miraculum*, do verbo *mirare*, “maravilhar-se” – e que ambos os vocábulos se referem a um acontecimento extraordinário que, à luz do conhecimento de uma determinada época, não possui (ainda) explicação científica: um acontecimento que aparenta ir contra as leis naturais que regem os fenómenos. Neste sentido, quando o António cria imagens cujo rigor formal ultrapassa aquilo que é real, ele opera através delas uma sobrenaturalização do seu quotidiano (ou do quotidiano em geral). Ao afirmar isto, a minha intenção não é caracterizar as fotografias do António como sendo de natureza religiosa. Ao abandonarem o plano da “verdade” e ao tornarem-se uma construção (*constructio*), elas passam a ser regidas pela metafísica da *memória* – um território onde aquilo que pode ter sido uma verdade é mentalmente manipulado para se transformar numa coisa que, tal como os milagres, escapa às leis da Natureza. A memória não se cinge àquilo que as coisas foram, mas é antes a imagem que construímos dessas coisas, intensificando-as, ou amenizando-as, ou tornando-as mais próximas daquilo que desejamos que elas tivessem sido, ou fixando-as com uma definição mais clara do que a névoa para a qual poderiam tender, ou mergulhando-as nessa névoa... O António compõe as suas memórias através da produção de imagens – aproximando-as de uma idealização que oscila entre ideias de “portento, maravilha, prodígio” que podem ser mais evidentes e outras que poderão ser menos evidentes para os outros, mas que não o são para ele.

Tornam-se arte.

epílogo

Quando o Gabriel e o Domingos, ainda bebés, começaram a articular as primeiras sílabas, o António divertia-se a fazer de conta que os ensinava a dizer “António, eu não sei viver sem ti”.